

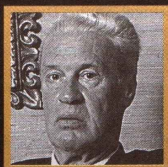
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

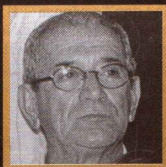


A proximidade que o presidente Juscelino Kubitschek tinha com todos que aqui chegavam para realizar o sonho de trazer a capital do país para o Planalto Central ficou marcada na memória dos primeiros moradores da cidade. Na série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília*, as lembranças de cem precursores estão sendo revividas em 20 fascículos.

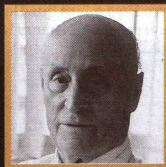
Antônio
C. Osório



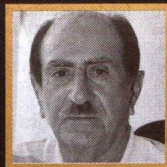
Elson
Cascão



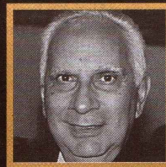
Francisco
Gagliardi



José Paulo
Sarkis



Kleber
Farias Pinto



PIONEIROS



Antônio Carlos Osório

Uma aventura cívica pelo Planalto Central

Arquivo Público



STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

As preocupações com a justiça social e o desejo de romper fronteiras ele herdou do pai, fazendeiro em Quaraí, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Foi esta herança, aliada ao sentimento de brasilidade, que levou Antônio Carlos Osório a avançar pelo interior do país. Adentrar pelo cerrado goiano, com destino ao vilarejo de Posse, em meados de 1956, para adquirir terras. Mais que uma mudança geográfica, a viagem ao interior do país significou uma mudança de valores e uma aventura cívica grandiosa. Seu "primeiro aprendizado, seu primeiro contato com o Brasil real" que até então desconhecía. Era a realização do prenúncio de Getúlio Vargas que o desbravador guarda na memória até hoje: "o verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o Oeste", garante o pioneiro.

Bem diferente da prosperidade de rio-grandense, foi no Planalto Central que ele conheceu a "situação real do homem brasileiro do grande interior, o desamparo, as doenças, as distâncias aprisionantes e os imensos vazios". Foi nesse momento que o advogado — formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul —

percebeu a importância da construção da nova capital no centro do país. "Foi talvez o momento fundamental da minha mudança. Senti que uma nova capital no planalto seria um instrumento útil e talvez essencial, de encontro do Brasil consigo mesmo", defende o escritor no livro *Peço a palavra pela Ordem*, um ensaio publicado em 1992 e que lhe rendeu o Prêmio Aníbal Freire, da Academia Brasileira de Letras.

Com um Ford 46

Em meados de 1957, a bordo de uma barata Ford 46, ele chegava a Brasília decidido que ali seria sua nova morada. Na rusticidade do Hotel Paraíso, no Núcleo Bandeirante, ele encontrou a

paz e o sossego para o merecido descanso depois de horas de desconforto nas poeirentas estradas do cerrado.

Na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante), o pioneiro morou por dois anos, sozinho e posteriormente "junto à companhia que Deus lhe deu", a esposa Natanry Ludovico Lacerda Osório, também pioneira, uma das primeiras professoras da Fundação Educacional e atual Administradora do Lago Sul, com quem é casado há 44 anos. "Eu tinha fascinação pela idéia de morar em Brasília. A situação de conviver com o desconforto, a rusticidade do Núcleo Bandeirante, a poeira, o barro, era tudo novo para mim..." declara o filó-

sofo — formado pela PUC/RS. "Era curioso observar o entusiasmo das pessoas por aquilo que faziam", acrescenta. Para o pioneiro, Brasília foi construída mais com fé e entusiasmo do que com tijolos e argamassa.

O hóspede dos hotéis D. Pedro II, Portugal, Santos Dumont e Normandie aos poucos se ambientava com *as gentes* e o ritmo da nova cidade. Já escrevia em um de seus livros: "...tantas e tantas figuras humanas, vindas dos meios mais diversos para aquele mundo. Madeira fraca e horizontes largos. Cheio de tantas aspirações, a maioria confusa e informulada, mas quase todas com um sopro valente."

Em outro trecho do livro, o poe-

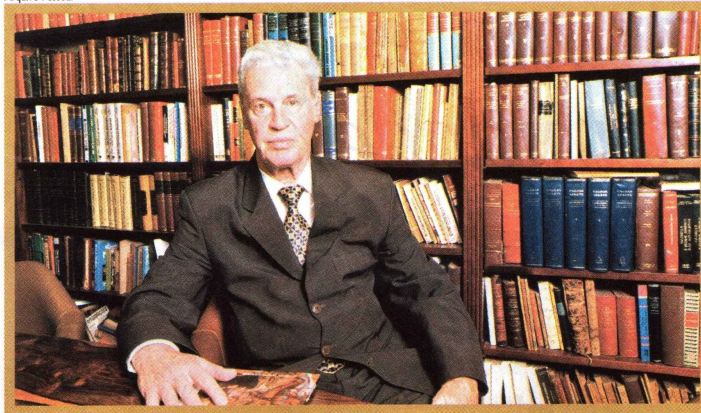
FOI DA CIDADE LIVRE, HOJE NÚCLEO BANDEIRANTE, QUE ANTÔNIO CARLOS TIROU MUITO DE SUA INSPIRAÇÃO PARA POEMAS E LIVROS

ta descreve com precisão a rotina do centro comercial do Distrito Federal, o Núcleo Bandeirante. A presença dos jipes, das carroças, da lama, da poeira, o andar de botas e o desinteresse das pessoas pela moda e pela aparência o impressionavam. "Era a minha base de vida e observação. A atmosfera de suas ruas era exaltante. Uma atividade febril. Algo de descoberta e farscação. Poeiras vermelhas dançando nas avenidas ou o barro serpenteando nas pernas.

PIONEIROS

A chegada a Brasília e as solicitações constantes da “comunidade em formação” na nova capital fizeram com que Antônio Carlos abraçasse de vez o Direito

Arquivo Pessoal



À noite, um cansaço bom, para ler, à luz de velas o mais das vezes, porque os motores particulares (os motores estacionários, bastante utilizados na época) que forneciam energia enguiçavam com frequência.”

O trabalho

O diploma de Direito não o entusiasmava, sempre preferia a filosofia e a poesia — motivo pelo qual levou o leitor de Fernando Pessoa e do jornal Estado de S. Paulo a escrever onze livros, dentre eles *O silêncio e suas raízes*, por meio do qual ganhou o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, e o livro de poesia *Brasília — diálogo com o futuro*.

As novas circunstâncias por ocasião da mudança e as constantes solicitações da “comunidade em plena formação” o fizeram abraçar de vez a profissão. Antônio Carlos era a única pessoa na cidade a possuir um *va-de-méum Forense* — livro com a coleção de leis brasileiras. Sem se dar conta, aos poucos ele se iniciava na advocacia.

No começo de 1958, o fundador do Instituto dos Advogados do Distrito Federal abria na Avenida Central do Núcleo Bandeirante o primeiro escritório de advocacia de Brasília. Um escritório modesto, em madeira, com duas pequenas salas, alugadas do dono da farmácia vizinha. Lá, ele trabalhou por dois anos. O primeiro advogado da capital atendida em Planaltina e em Luziânia. As estradas de terra o obrigavam a despachar as petições sempre utilizando das botas para evitar o barro ou a poeira.

O foro de Planaltina foi palco de uma cena marcante na vida deste pioneiro. Ele defendia uma das empresas construtoras

“**EU TINHA FASCINAÇÃO PELA IDÉIA DE MORAR EM BRASÍLIA. A SITUAÇÃO DE CONVIVER COM O DESCONFORTO, A RUSTICIDADE DO NÚCLEO BANDEIRANTE, A POEIRA, O BARRO, ERA TUDO NOVO PARA MIM**”

de Brasília, numa reclamação trabalhista movida por seu cliente. Por obra do destino, o jovem advogado reencontrou o colega de faculdade e conterrâneo Paulo Távora, que não o via há muitos anos. “Ele estava vindo direito do aeroporto, vestido elegantemente e de gravata borboleta, foi uma surpresa geral”, relata o advogado que o cumprimentou usando botas e uma surrada *manga de camisa*.

Senso de seriedade

Como na cidade não existia furto e roubo, a maioria das causas era de operários reclamando contra o patrão, acidentes de trabalho ou locações na Cidade Livre, onde “não havia violência, nem irresponsabilidade, nem desrespeito. Pelo contrário, predominava um senso de seriedade, de zelo, de aplicação”, afirma com orgulho.

Mesmo trabalhando na iniciativa privada, Antônio Carlos Osório tinha alguns contatos com autoridades do setor público como Israel Pinheiro e os desbravadores Bernardo Sayão, Íris Meimberg, Ernesto Silva e Mário Meirelles.

Um dos momentos mais importantes de sua carreira e que

recorda com emoção até hoje foi a atitude do amigo comerciante Isaac, companheiro de xadrez nas horas vagas. Antônio Carlos ajudou-o com o pedido de concordata preventiva de falência de sua loja. “Mesmo derrubado por uma trombose, ele conseguiu ir até o escritório, na véspera de Natal, para deixar um pacotinho de gilete. Foi o presente mais cortante, o mais terno, o mais presente”, lembra emocionado. O presente mereceu uma crônica que o escritor inseriu como apêndice em suas memórias.

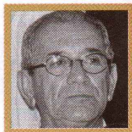
Para o pioneiro de 76 anos de idade, a “cidade do automóvel” ou a “cidade sem esquinas” foi uma realização extraordinária. “Um sonho utópico de toda a nacionalidade e um símbolo de conquista do território”, define o Cidadão Honorário de Brasília, que vê na construção da cidade um instrumento de libertação política, econômica e social.

Não foi por acaso que o advogado se identificou com a Cidade Livre, construída sob os ventos de entusiasmo, patriotismo, “otimismo do desenvolvimento econômico”, ideais que ele persegue até hoje como forma de superar as injustiças sociais.

HOUVE UM TEMPO EM QUE ANTÔNIO CARLOS ERA A ÚNICA PESSOA DA CIDADE QUE POSSUÍA LIVRO COM A COLEÇÃO DE LEIS BRASILEIRAS

Raio X

Nome: Antônio Carlos Osório
Idade: 76 anos
Origem: Quaraí, Rio Grande do Sul
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Advogado e escritor
Esposa: Natanry Ludovico Lacerda Osório
Filhos: Antônio Cândido, Maria Karla, Maria Cecília, Antônio Carlos e Diva Maria Neto
Netos: Maria Karenina, Ana Cecília, Ana Carolina, Raissa, Rafaela, Marcela, Rafael, Pedro e André



Elson Cascão

Brasília, uma terra de oportunidades

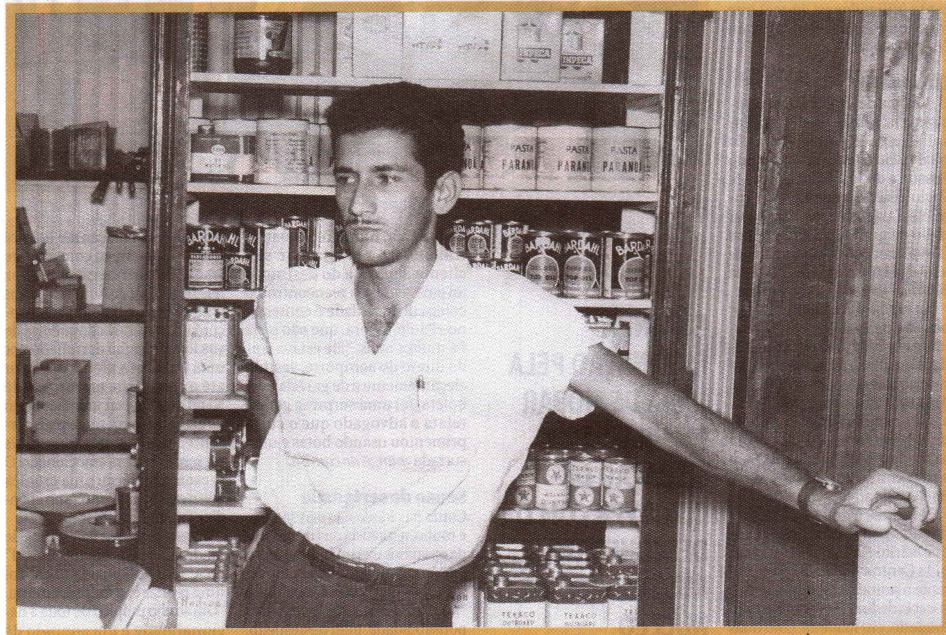
Fotos: Arquivo Pessoal

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

“A vida se passava na rua. Ali, todos se encontravam e se cumprimentavam. Só não colocávamos cadeiras nas calçadas porque não havia calçadas. A vida era simples e de muito trabalho. Sabíamos que a cidade que estávamos ajudando a construir era uma obra fantástica, mas não sentíamos o impacto de tal novidade porque fazíamos parte dela. Também não sentíamos os problemas nacionais, apesar de estarmos na capital da República, porque estávamos todos empenhados no progresso da cidade.” A descrição do empresário Elson Cascão reflete o espírito de luta que o atraiu para Brasília em 1958 e o orgulho que sente hoje por ter acreditado no chamado de Juscelino Kubitschek.

Aos 25 anos, nove servindo à Força Aérea Brasileira, Cascão vivia na praia do Russel, no Rio de Janeiro. Presenciava os anos de ouro da Cidade Maravilhosa, com suas praias, paqueiras e boemia. Mas o chamado que JK fazia a todos os brasileiros em cadeia nacional de rádio impressionava demais: “Ele convocava a população para que marchasse para o oeste e participasse do desenvolvimento do centro do país”, conta.

Mineiro de Araguari, já familiarizado com a região próxima a Goiás, Cascão decidiu confiar na segurança transmitida pelo presidente e abandonar a carreira



de militar em busca de uma oportunidade na nova capital. “Esperava fazer algo por mim e pela pátria”, afirma.

A escolha do ramo a seguir na futura capital do país aconteceu rápido. “Não havia nada aqui, qualquer coisa que se iniciasse daria certo”, justifica. Dois meses após sua chegada a Brasília, em julho de 1958, Cascão abria a empresa à qual dedicaria o restante de sua vida profissional — a rede de postos de combustíveis Gasol.

O registro do contrato social teve que ser feito em Goiânia, com participação da irmã, Maria Cecília Lucas Cascão. O primeiro posto, segundo aberto no Distrito Federal, funcionava na 2ª Avenida da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). No estabelecimento, apenas duas bombas funcionavam, uma com gasolina e outra com diesel. O frentista esperava calmo a chegada de algum automóvel. Não havia muitos carros na cidade, o movimento forte era de caminhões.

A solidão e a precariedade da vida na construção de Brasília fizeram com que o empresário casasse logo, em novembro do mesmo ano. A lua-de-mel com a gaúcha Alice, natural de Caxias do Sul, durou apenas três dias e foi passada no Brasília Palace Hotel. A moradia do casal, até 1960, seria um quarto no próprio posto, um galpão de madeira como todas as outras construções do Núcleo Bandeirante na época.

Aqui fazia frio. Além do traba-

lho, restava ouvir o programa de rádio *A Voz do Brasil*, diariamente às 19h, e dormir cedo. Quando sobrava tempo, valia a pena dar uma passada no aeroporto para saber quem estava chegando. Todos os dias, pessoas

EM 1963, ELSON JÁ TINHA TRÊS POSTOS NO PLANO PILOTO. UM DELES NA 306 SUL

PIONEIROS

Depois de servir à Aeronáutica por nove anos, Elson saiu do Rio de Janeiro para atender a um chamado do presidente JK, que conclamava os brasileiros a marchar para o Oeste

**A VIDA EM BRASÍLIA
TROUXE, ALÉM DO
PATRIMÔNIO
'FINANCEIRO, UMA
GRANDE E AMOROSA
FAMÍLIA AO PIONEIRO**

de vários lugares do país desembarcavam em Brasília.

O primeiro filho veio logo, em 1959. Sem hospitais no Plano Piloto, o parto foi realizado em Taguatinga, no Hospital São Vicente. A pequena família continuou morando no posto até 1961, quando as primeiras casas da W3 Sul foram construídas.

A Novacap facilitava a compra das casas em até 30 meses e foi assim que Cascão pôde adquirir sua primeira residência no Plano Central — uma casa de 53 m², com dois quartos, na antiga quadra 30, hoje 711 Sul. “Nos sentíamos reis porque estávamos em uma construção de alvenaria, com água, luz e esgoto”, revela o empresário. “No Núcleo Bandeirante, para se ter uma idéia da vida que se levava, parte da energia disponível na cidade era gerada pelo meu posto”, conta.

Comportamento mantido

As condições de vida melhoravam aos poucos, à medida que a cidade se desenvolvia. Mas a simplicidade do comportamento das pessoas foi mantida durante pelo menos os primeiros vinte anos da cidade, segundo Cascão. “Andávamos de carona para todos os lados”, diz. “Como a direção era a mesma de sempre — Núcleo Bandeirante/Plano Piloto —, já havia um local certo onde as pessoas ficavam paradas esperando o primeiro automóvel que parasse”, diverte-se.

Em 1963, Cascão já tinha dois filhos e três postos no Plano Piloto. O crescimento da empresa era um exemplo da rapidez com que os negócios prosperavam na nova capital. “Um amigo meu era dono de posto há 50 anos e só tinha um estabelecimento”, comenta. “Para ele era difícil entender como eu



“**NO NÚCLEO BANDEIRANTE, PARA SE TER UMA IDÉIA DA VIDA QUE SE LEVAVA, PARTE DA ENERGIA DISPONÍVEL NA CIDADE ERA GERADA PELO MEU POSTO**”

havia conseguido tanto em tão pouco tempo”, conclui.

Nível cultural

A convivência próxima que as pessoas tinham em Brasília não lhe tirava o caráter de Capital Federal. Cascão diz que, mesmo com apenas 200 mil habitantes, como foi até a década de 80, Brasília sempre impressionava quem passasse por aqui pelo nível cultural das pessoas que habitavam o Plano Piloto e pelo esplendor da arquitetura.

Sobre a história da cidade, Cascão gosta de relembrar dois fatos dos quais participou. O primeiro foi a criação do clube Cota Mil, um dos primeiros inaugurados na cidade. O empresário diz que o clube foi uma evolução do que se chamava Clube do Cinema: um grupo de engenheiros e uma jornalista que traziam rolos de filmes americanos pela Aerovias Brasil e realizavam sessões

de cinema no lobby do Brasília Palace Hotel.

Outra história que gosta de relembrar é a mudança dos primeiros moradores da W3 Norte. A Asa Norte estava no projeto original da cidade, mas não havia sido implementada. O Núcleo Bandeirante, por sua vez, tinha que ser extinto porque não fazia parte dos planos de Niemeyer e Lucio Costa.

Assim, o prefeito Paulo de Tarso decidiu levar os comerciantes do Núcleo para as construções que já existiam na Asa Norte. Alguns aceitaram e passaram a povoar a avenida, que nasceu como um misto de residencial e comercial até se firmar no perfil que hoje conhecemos. A tentativa de acabar com a antiga Cidade Livre, entretanto, foi frustrada e, nos governos seguintes, o Núcleo Bandeirante terminou sendo mantido definitivamente como mais uma Região Administrativa do Distrito Federal.

Raio X

Nome:
Elson Cascão
Idade:
71 anos
Profissão:
empresário (sócio-proprietário da rede de postos Gasol)
Ano de chegada a Brasília:
1958
Origem:
Araguari, Minas Gerais
Esposa:
Alice
Filhos:
Elson Cascão II, Elca, Elce
Netos:
Elisa, Luisa, Alice, Luis Eduardo, Bernardo, Leonardo, João Felipe, Maria Clara e Maria Luisa

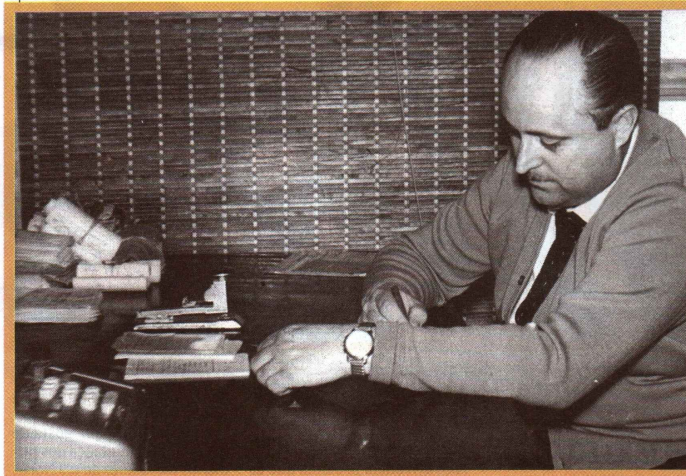


Francisco Gagliardi

Um problema de saúde do filho fez com que
Com muita emoção relembra o dia em que

Ele alimentou candangos e autoridades com seu talento

Arquivo Pessoal



GAGLIARDI
CHEGOU À NOVA
CAPITAL PARA
CHEFIAR O
RESTAURANTE
DO CTB

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A característica que melhor define a personalidade de Francisco Gagliardi é a cordialidade. Quem já o viu trabalhando ou teve o prazer de ser servido por este italiano da Calábria não se esquece do tratamento que este pioneiro dá a quem quer que seja, autoridade ou trabalhador. Aos 84 anos, comemorados no último dia 23, as histórias de Gagliardi no Distrito Federal dariam um livro à parte. Sempre à frente de algum restaurante, cozinha ou hotel, atendeu ministros, presidentes, reis, princesas, artistas e candangos.

Gagliardi chegou ao Planalto Central em março de 1960 por necessidade médica e recomendação de dois antigos clientes do Espadoni, restaurante da capital paulista onde trabalhava, João Dias e Vicente Celestino. A dupla havia tocado uma serenata para o presidente Juscelino Kubitschek no Catequino e ouviu falar da construção do Lago Paranoá. Gagliardi procurava destino para se mudar com a família e precisava encontrar uma cidade de clima seco por causa do filho, que sofria de bronquite asmática. A sugestão foi aceita e Gagliardi decidiu conhecer a nova capital.

Aqui, foi convencido por um médico do Hospital Distrital (hoje, Hospital de Base) e ficou en-

cantado pela imagem de Brasília. “Desde a primeira vez que cheguei nesta cidade, me apaixonei pela forma com que fui recebido no aeroporto”, conta. Gagliardi seria o administrador do restaurante do Grupo de Trabalho de Brasília (GTB), responsável pela mudança da capital do Rio para o centro do país.

O restaurante ficava na W3, na altura da quadra 506 Sul. A avenida ainda não era asfaltada, nem tinha o canteiro central que divide as duas vias (mão e contramão). A única via asfaltada na cidade era o centro do Eixo Monumental. A Asa Norte não existia. Na Asa Sul, alguns prédios já tinham sido construídos, nas quadras 205, 206, 105 e 106. A L2 era uma trilha

aberta no meio do cerrado.

Do aeroporto, antes mesmo de deixar a bagagem no lugar onde se hospedaria provisoriamente, Gagliardi foi conduzido ao restaurante para verificar o material necessário para o seu funcionamento. O italiano acabava de conhecer o ritmo alucinante de trabalho no qual Brasília estava imersa. Terminada a tarefa, começava a busca por um quarto.

O único hotel existente no Plano Piloto era o Brasília Palace. Por conta das festividades da inauguração da cidade, todos os quartos já estavam ocupados há um mês. A opção era se deslocar até a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). A visão do lugar era incrível. “Tudo era feito na rua, barbearia,

açougue, comida”, diverte-se. O único hotel com espaço ainda disponível era o Três Irmãos. O quarto onde Gagliardi dormiria não tinha teto.

Serviço à carte

A abertura do GTB foi marcada para abril, pouco antes das festividades da inauguração da capital. O local seria dividido em dois ambientes. Um para autoridades, com serviço à la carte, e um para os trabalhadores, com pratos prontos. Os funcionários tiveram que ser contratados em São Paulo. Não havia mão-de-obra especializada aqui. Para atraí-los para cá, Gagliardi conseguiu que a Novacap cedesse moradia para os trabalhadores, primeiro em um al-

jamento na Vila Planalto e depois em 11 apartamentos de um quarto, tipo JK (janela e kitchenette).

O movimento do GTB era intenso. Cerca de 800 pessoas por semana almoçavam na parte social e 1,2 mil por dia na parte comercial. Durante os primeiros dois anos, Gagliardi não teve férias. Nos primeiros meses, dormia apenas três ou quatro horas por noite no próprio restaurante. A esposa, Olga, e os dois filhos, José e Leone, ficavam em um apartamento JK, na 411 Sul.

A poeira do cerrado era tão intensa que toda a roupa de mesa e também o vestuário de Gagliardi e de seus funcionários tinham que ser lavados três vezes por dia. Parte dos ingredientes para a cozinha era comprada em São Paulo, todos os meses. No Plano Piloto, só havia uma petxaria, na W4 Sul, e o supermercado da SAB.

As dificuldades do cotidiano eram entremeadas por fatos que só aqui aconteciam, como a vez em que JK desceu de helicóptero na frente do restaurante, em plena avenida W3, para fazer um pedido ao italiano: “Gagliardi, hoje você reserva o filé do centro para dona Júlia (mãe do presidente) e deixa a gororoba (retalhos do boi) para mim, que mais tarde nós almoçamos aqui”.

Gagliardi também não esquece o dia da inauguração da capital. Milhares de carrocinhas de sanduíche se amontoavam no Eixo

que o italiano Gagliardi, que trabalhava em São Paulo, conhecesse Brasília e ficasse. que cozinhou para autoridades e trabalhadores na inauguração da nova capital

A VIDA NA CAPITAL FEZ COM QUE FRANCISCO SENTISSE O BRASIL COMO SUA TERRA NATAL. AQUI, CRIOU OS FILHOS E NETOS, E HOJE CURTE A BISNETA, FERNANDA

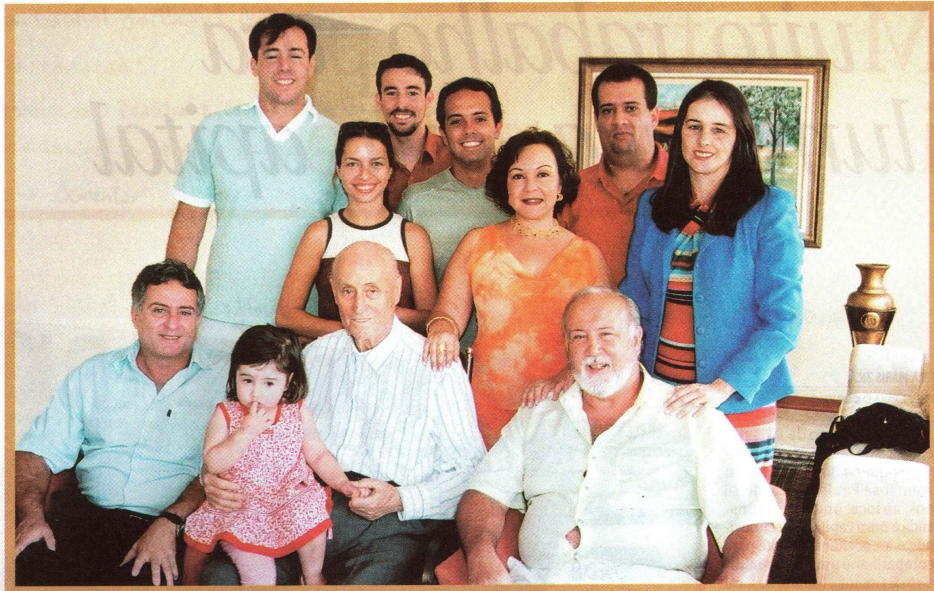
Monumental. As pessoas chegavam de todos os cantos do país. Não havia hotéis na cidade e os carros viravam alojamento à noite. No interior do GTB, Gagliardi sentia toda a emoção de participar de um fato histórico. "Trabalhei 48 horas sem dormir, mas estava feliz. Naquele dia, senti o Brasil como a minha verdadeira pátria, tive muito orgulho de estar aqui", revela.

Reis e candangos

Os trabalhos no GTB foram concluídos após quatro anos. O novo administrador do restaurante obrigou Gagliardi a assinar um documento comprometendo-se a não exercer qualquer atividade no ramo de restaurantes na cidade. Por causa disso, o italiano terminou mudando-se temporariamente para Belém, no Pará. "Consegui uma representação da Seara por lá e decidi enfrentar três dias de estrada de terra para poder trabalhar."

A família permanecia aqui, desta vez acomodada num amplo apartamento na 306 Sul. Gagliardi vinha à cidade a cada 15 dias, mas a saudade do Distrito Federal era intensa. Seis meses depois, Gagliardi estava de volta ao Planalto Central. Pouco tempo depois, no ano de 1965, era liberado do compromisso firmado com Hermano Serejo. O próximo destino seria a administração do restaurante Benis, também na W3, a pedido da esposa do proprietário — Benedito Barbosa —, falecido em um acidente de carro.

No Benis, Gagliardi servia uma clientela selecionada. Entre os nomes que guarda estão o conde Matarazzo, o príncipe de Orleans e a miss Brasil Marta



Rocha. A temporada ali duraria apenas um ano. Depois disso, chefiou o restaurante do Palácio do Planalto, onde conheceu os costumes alimentares de mais três presidentes: Castelo Branco, Costa e Silva e Geisel.

Em 1968, Gagliardi aceitou um desafio extra: organizar o restaurante universitário, na Universidade de Brasília. O minhocão ainda não existia. O prédio onde as refeições eram feitas também não é o mesmo onde hoje está o *bandejão*.

Todos os dias, cerca de três mil estudantes recebiam suas bandejas em fila, na rampa do prédio onde o restaurante tinha sido montado. Nas refeições de sábado, religiosamente, Gagliardi aparecia e era aplaudido por todos em agradecimento pelo serviço prestado.

Depois de trabalhar em inúmeros clubes, restaurantes, salões e hotéis, Gagliardi terminou sendo convidado a gerenciar a cozinha do Palácio do Ita-

“
NA INAUGURAÇÃO,
TRABALHEI 48
HORAS SEM
DORMIR, MAS
ESTAVA FELIZ.
NAQUELE DIA,
SENTI O BRASIL
COMO A MINHA
VERDADEIRA
PÁTRIA, TIVE
MUITO ORGULHO
DE ESTAR AQUI

maraty, quando este foi inaugurado, em 1975. Ali, serviu o príncipe Iroto, do Japão, o príncipe de Gales e dezenas de outros nomes importantes.

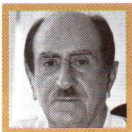
Mas é das vezes em que servia os candangos que Gagliardi guarda as melhores lembranças de sua carreira, como a da inauguração do Hospital das Forças Armadas. Haveria um churrasco para 1,8 mil trabalhadores e uma recepção para 200 convidados, que aconteceriam no mesmo lugar, simultaneamente.

Para surpresa de quem participava do almoço popular, Gagliardi enviou um funcionário à recepção e preferiu servir o churrasco. A recompensa ele expressa hoje nas palavras que guardou de um candango: "Nunca vi tanta atenção dispensada para gente simples como nós". De maneira simples, justifica-se: "Sirvo o candango com o mesmo carinho que sirvo o presidente da República, porque é trabalhando para quem mais precisa que me sinto gratificado".

Raio X

Nome: Francisco Gagliardi
Origem: Calábria, Itália
Idade: 84 anos
Ano de chegada a Brasília: 1960, veio de São Paulo
Profissão: Empresário
Esposa: Olga Franquini Gagliardi (falecida)
Filhos: José Gagliardi Sobrinho e Leone Gagliardi Neto
Netos: Carla, Leonardo, Alexandre, Bruno e Francisco
Bisneto: Fernanda Domenica

PIONEIROS



José Paulo Sarkis

Muito trabalho para iluminar a nova capital

Arquivo Pessoal



TUDO COMEÇOU NA 2ª AVENIDA DO NÚCLEO BANDEIRANTE. FOI LÁ QUE ELE CONSTRUIU SUA CASA E A LOJA DE MATERIAIS ELÉTRICOS

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

O dia 4 de março de 1957 poderia ter sido uma data como outra qualquer, não fosse a ida do jovem José Paulo Sarkis, de 26 anos, ao local onde seria construída a nova capital. Sua curiosidade o fez aceitar o convite para acompanhar o amigo caminhoneiro de Goiânia, Nadim, ao local onde seria instalada a futura sede do governo brasileiro.

Já no local das obras, sozinho, pernoitou no modesto Hotel Souza, de doze quartos, localizado na 1ª Avenida da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, na esquina da travessa D. Bosco. Acordado pelo barulho “de umas obras que vinham do final do corredor”, Paulo Sarkis levantou e percebeu que o hotel, todo em madeira, ainda estava em construção e perguntou ao gerente se não estavam precisando de um electricista. “Como os funcionários do hotel é que fariam as instalações, eu logo me ofereci para trabalhar de graça enquanto tivesse hospedado no hotel”, lembra o técnico, que acabou ficando um mês no local. Tempo que levou para construir sua casa na 2ª Avenida do Núcleo Bandeirante.

Antes de levantar as paredes da casa, onde também iria funcionar seu comércio de materiais elétricos, foi até aos acampamentos da Novacap para regularizar a compra do terreno.

Ao explicar a finalidade do terreno, o funcionário brincou com o futuro comerciante: “Pra que loja de materiais elétricos se aqui não tem luz?”

De posse do novo endereço, o descendente de libaneses pôde trazer a mulher e os três filhos, Rosa Maria, Eliane e Yussef — primeiros alunos do colégio Marista do Núcleo Bandeirante — para o lar que ele próprio construiu. Uma casa simples, de madeira, com dois cômodos — em um funcionava a loja, noutro, um quarto. A cozinha, ele improvisou do lado de fora.

A construção da casa foi pos-

sível graças à amizade do motorista da *Jardineira* que fazia o trajeto Vianópolis—Brasília, que descobriu por acaso, numa época em que não havia transporte para a nova capital. “Olha que coincidência, eu fui o primeiro passageiro da linha, ficamos amigos e aproveitei a bondade dele para trazer os materiais de que precisava”, conta satisfeito. Como era muita coisa, ele retrucou: “vé aí o que você vai precisar, porque não dá para levar tudo”. A solução foi separar uma parte do material para trazer na viagem do dia seguinte.

Parte dos problemas resolvi-

da, faltava ligar a luz, que foi buscar *emprestada* do vizinho Hotel Buriti, através de um gerador estacionário, bastante utilizado naquela época e que fazia funcionar os lampiões. “Os geradores funcionavam a todo vapor, mas a partir das 22h eram desligados por causa do barulho que faziam”, lembra o electricista, que se comovia com o espírito de solidariedade dos moradores. “Éramos uma família que sempre procurava ajudar uns aos outros.”

Já conhecido em toda a região, o serviço não parava. Para atender à demanda crescente,

principalmente a do Hospital Sara Kubitschek — onde fez as instalações elétricas e hidráulicas — e dos blocos da 105 Sul, José Paulo encomendava em São Paulo os materiais necessários para as obras. Era comum a visita de fornecedores daquela cidade à Elétrica Sarkis.

Numa dessas visitas, o comerciante fez um pedido “de mais ou menos 50 itens entre fios, lâmpadas, chuveiros, isoladores e tubos a um representante para testar a qualidade dos produtos”, deixando o fornecedor surpreso e ao mesmo tempo desconfiado. Segundo conta

PIONEIROS

O eletricitista viu na nova capital a oportunidade de começar algo novo. Aqui montou a primeira loja de materiais elétricos da nova capital. Depois, partiu para o setor de construção civil

A VIDA DURA DOS PRIMEIROS ANOS FOI RECOMPENSADA PELA CRIAÇÃO DA FAMÍLIA NA NOVA CAPITAL

Sarkis, ele pensou: “esse cara deve estar brincando comigo”. “As indústrias, como eram pequenas, recebiam pedidos de no máximo cinco produtos, então ele pensou que fosse uma brincadeira minha”, conta o proprietário da loja.

Em outra ocasião, Sarkis teve de entrar em contato com o fornecedor para saber por que não mandavam os fios, “eles responderam que, se me atendessem, iriam perder boa parte de sua clientela, tamanho era o pedido da Sarkis”.

Inauguração

Apesar do progresso e do ritmo das obras, as dificuldades eram superadas pelos improvisos. Para tomar banho e tirar a poeira do corpo, os moradores davam um pulo até um córrego próximo ao Núcleo Bandeirante. “Posteriormente, a Novacap providenciou o abastecimento das residências com a água de lá. A pressão da água era uma beleza”, recorda.

À medida que a inauguração da capital se aproximava, os serviços aumentavam. O mineiro de Uberlândia se desdobrava entre a instalação de um chuveiro, a ligação dos fios de eletricidade e as construções hidráulicas dos acampamentos da Companhia Construtora Brasileira de Estradas, responsável pela construção do Lago Sul, da M. M. Quadros e do acampamento da Vila Planalto. “Tinha muito trabalho na época e era difícil atender a todos. Não tinha tempo para pensar em nada”, recorda o pioneiro, que por muitas vezes chegou a perder a noção de tempo. “As vezes me levantava e não sabia se era domingo ou segunda-feira”, acrescenta.

Com a consolidação do co-

mércio do W3 Sul, o comerciante construiu uma casa — na antiga quadra 6, atual 506 Sul — para onde se mudou com a família em meados de 60. A Elétrica Sarkis ganhava novo endereço. “Foi um dos primeiros prédios construídos lá”, recorda orgulhoso.

Foi no W3 que o eletricitista fincou o primeiro poste da cidade — utilizando um pedaço de pau — para iluminar sua casa, puxando a energia de um gerador estacionário localizado do outro lado da rua. Aos poucos o canteiro de obras, todo iluminado, ganhava ares de cidade com a chegada da luz elétrica gerada por uma pequena usina construída em meados de 1958, no rio Saia Velha, que divide o Distrito Federal do estado de Goiás.

Reservado e de poucas palavras, como um bom mineiro, ele lembra saudosos da vida na cidade e de seu último contato com Juscelino Kubitschek, no dia 8 de agosto de 1976, poucos

“**TINHA MUITO TRABALHO NA ÉPOCA E ERA DIFÍCIL ATENDER A TODOS. NÃO TINHA TEMPO PARA PENSAR EM NADA. ÀS VEZES ME LEVANTAVA E NÃO SABIA SE ERA DOMINGO OU SEGUNDA-FEIRA**”

”

dias antes de sua morte. “Tínhamos combinado — eu e meu irmão, Simão Sarkis, que tinha mais amizade com o presidente — de fazermos uma pescaria no rio Araguaia, junto com Juscelino Kubitschek, mas infelizmente ele viajou para o Rio e não voltou mais”, lembra.

Com apenas o primário, não foi nas salas de aula que o descendente do Líbano aprendeu as técnicas da engenharia, mas “na escola da vida”, como ele mesmo afirma. De uma família de 13 irmãos, a maioria deles seguiu a mesma profissão. Dois anos após a inauguração da nova capital, depois de “levar a luz à cidade”, Sarkis resolveu mudar de ramo e investir na construção civil.

Aos 72 anos, no seu segundo casamento, agora com a prima Diná Calhau Sarkis, que ele “buscou em Uberaba”, o pioneiro garante não trocar “a cidade que foi até ele” por obra do destino.



Raio X

Nome:

José Paulo Sarkis

Idade:

72 anos

Origem:

Uberlândia, Minas Gerais

Ano de chegada a Brasília:

1957

Profissão:

Empresário

Esposa:

Diná Calhau Sarkis

Filhos:

Rosa Maria, Eliane, Youssef

e Yesmin

Netos:

André, Paula, Ana

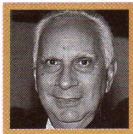
Carolina, Fernanda, Ana

Luíza, Gustavo, Filipe,

Flávia, Sandra, Thiago e

Marcela

PIONEIROS



Kleber Farias Pinto

A empolgação de JK foi o incentivo para a mudança de cidade

Arquivo pessoal



VINÍCIUS NADER
ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 23 anos, o estudante de Engenharia Kleber Farias Pinto foi a mais uma festa de aniversário em Petrópolis, no Rio de Janeiro, sem desconfiar que a partir dali sua vida não seria mais a mesma. O ano era 1958. Naquela noite, a aniversariante era Márcia, filha do presidente Juscelino Kubitschek. Foi exatamente quando Kleber recebeu um convite um tanto inusitado. "O presidente comentou comigo sobre a construção da nova capital de um modo tão empolgante que as palavras dele acabaram me contagiando e me seduzindo", conta Kleber, que no ano seguinte era um dos jovens engenheiros (agora já formado pela Escola de Minas de Ouro Preto e com 24 anos de idade) a integrar a equipe responsável pela instalação da rede elétrica em Brasília.

Desafio aceito, agora era o momento de trabalhar muito para que a promessa de inaugurar a cidade em 21 de abril de 1960 — "a data estava explícita na lei", frisa Kleber — fosse cumprida. E trabalho não faltou. "Lembro que às vésperas da inauguração, alguns funcionários queriam folgar na sexta-feira santa. Fui a Israel Pinheiro e combinei que se todos trabalhassem naquele feriado, ganhariam três dias de folga depois da inauguração", con-

ta o engenheiro, que teve seu pedido aceito e viu o trato ser respeitado. Depois de tanto trabalho para a inauguração da cidade, veio a recompensa. "Como conhecia a Márcia (Kubitschek), fui um dos poucos a receber convite para o baile de inau-

guração, realizado no Palácio do Planalto", afirma em meio a lembranças de que saiu direto de seu barraco no acampamento em que era prefeito para a nova sede do Poder nacional.

Foi também com Israel Pinheiro que Kleber, acompanhado de

outros trabalhadores, foi negociar moradia mais perto das obras do que o acampamento na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Pinheiro criou uma minicidade de 50 mil habitantes que foi chamada de Vila Amauri de Aquino e falou para os moradores que

KLEBER E ANA MARIA EM VISITA AO RECÉM-CONSTRUÍDO PALÁCIO DA ALVORADA

o local seria provisório. Kleber lembra que muitos, apesar do aviso, acharam que tinham ganhado um pedaço de terra para o resto da vida quando, surpresos, descobriram que realmente teriam que deixar aquela área, pois é lá que está hoje situado o Lago Paranoá. Quando saiu da vila, Kleber foi morar em um trailer em plena Praça dos Três Poderes.

Leque de amizades

Vindo do Rio de Janeiro aos 24 anos de idade e sem família, foi aqui que Kleber Farias Pinto viu crescer seu leque de amizades. "Como éramos todos sozinhos, acabamos formando uma grande família. Mas com um diferencial: escolhíamos nossos parentes e esse contato era uma questão de sobrevivência para nós", diz Kleber, orgulhando-se de manter até hoje muitas dessas amizades. Um exemplo, é a com o jornalista Ari Cunha, colunista do *Correio Braziliense*, a quem Kleber deu uma carona no aeroporto da qual não se esquece. "Ari chegou aqui à procura de um táxi para ir ao jornal. Ele não sabia que não havia táxis na nova capital. Dei uma carona, perdi meio dia inteiro de trabalho, mas ganhei um grande amigo", diverte-se Kleber, lembrando-se de como as pessoas eram solidárias aos que chegavam à nova capital federal.

Assim como a família de amigos, a verdadeira família de Kleber

PIONEIROS

Recém-formado em Engenharia, em 1959, Kleber chegou a Brasília para integrar a equipe responsável pela instalação elétrica da nova capital



**KLEBER SE
APAIXONOU E FOI
BUSCAR ANA MARIA
NO RIO PARA
CONSTRUIREM A VIDA
JUNTOS EM BRASÍLIA**

também foi formada aqui, embora ele tenha conhecido sua mulher, Ana Maria, no Rio de Janeiro, sendo ela descendente de nobres. “Praticamente seqüestrei minha esposa para cá e casei em 1961. Mesmo sendo um escândalo ela se casar com um jovem como eu, sem nenhuma linhagem de nobreza”, diz Kleber, que viu a notícia do *seqüestro* ser publicada em jornais da época. Mas isso não abalou o jovem casal, que nunca mais morou em outra cidade e aqui criou seus dois filhos, o arquiteto Kleber Junior (que hoje mora no Rio de Janeiro) e a analista de sistemas Andréa. A família se completa com os netos Cláudia e Rodrigo.

A diversão no verdadeiro cantoneiro de obras que era Brasília não era muito fácil, pois as opções eram poucas. Além de pescar jacaré no late Clube e olhar os aviões chegarem ao aeroporto, tomar cerveja no Brasília Palace Hotel era uma das poucas alternativas. E não é que justamente ali, no bar daquele hotel, Kleber viu dois dos maiores compositores do Brasil terem uma canja quase negada. Trata-

se de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, que estavam ali compondo a sinfonia para ser apresentada na inauguração e quase não conseguiram tocar uma música no piano porque o artista que se apresentava na casa não os conhecia. Kleber precisou de muita lábia para mudar essa história. Foi também aqui em Brasília e sob os olhos — e ouvidos — de Kleber que essa dupla, uma das maiores da nossa música, começou a compor o clássico *Água de beber*. “Eu estava conversando com eles quando foram me mostrar uma música ainda inacabada e começaram a cantarolar os primeiros versos dessa canção”, conta. Trinta anos depois, Tom Jobim estava se apresentando no Teatro Nacional e, ao fim do show, Kleber foi ao camarim e lembrou ao maestro o fato. Jobim, que não estava lembrado da história, pediu logo um papel e fez um bilhete onde se pôde ler que “*Água de beber* foi no Catetinho”. A relíquia, é claro, está guardada com Kleber até hoje. Assim como estão guardados na memória os primeiros acordes brasi-

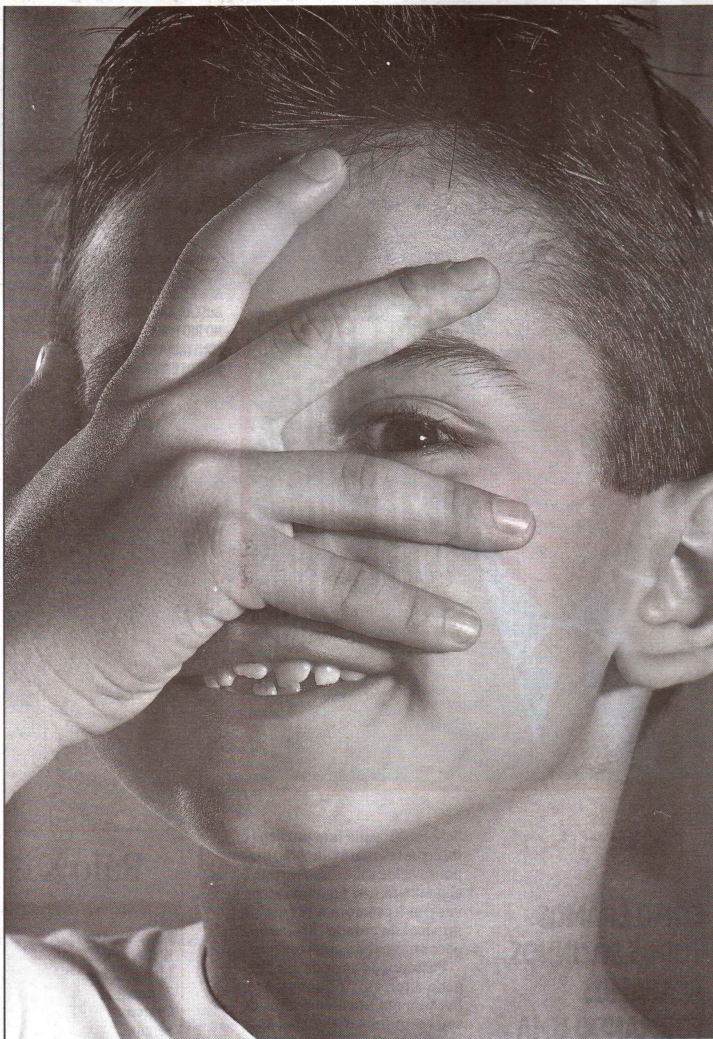
“**COMO ÉRAMOS
TODOS SOZINHOS,
ACABAMOS
FORMANDO UMA
GRANDE FAMÍLIA.
MAS COM UM
DIFERENCIAL:
ESCOLHÍAMOS
NOSSOS PARENTES
E ESSE CONTATO
ERA UMA QUESTÃO
DE SOBREVIVÊNCIA
PARA NÓS**”

lienses. “Brasília tem músicos e intérpretes maravilhosos, mas pouca gente sabe disso”, atesta o engenheiro, que pretende escrever um livro com a memória musical da cidade “assim que encontrar os parceiros certos”.

Passados 44 anos de sua chegada a terras candangas, Kleber tem em Brasília muitos de seus orgulhos. Um deles é JK, que foi recentemente condecorado por Kleber com a Ordem do Mérito na Engenharia. A outra é Brasília propriamente dita. “Hoje em dia ninguém pensa em construir uma capital planejada sem se consultar aqui. Eles copiam o projeto de Brasília porque é um exemplo de mudança de capital planejada que deu certo”, afirma o engenheiro cortuja, sem esconder o tom de orgulho e emoção. Foi assim com os governos do Japão e do Senegal, para os quais Kleber já prestou consultoria, e assim será com qualquer outro que vier, pois esse engenheiro de 70 anos não se cansa de falar sobre uma criação que também foi dele, e que dá a ele muitas alegrias.

Raio X

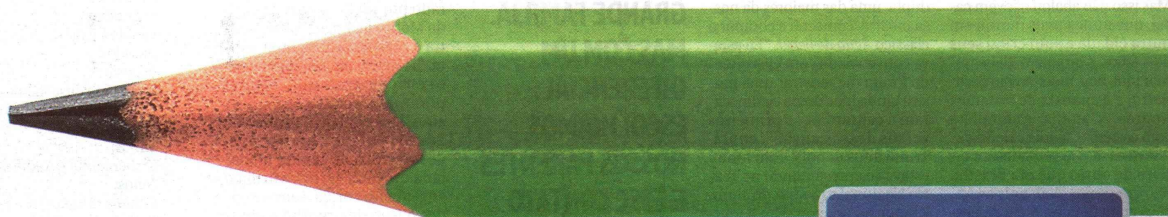
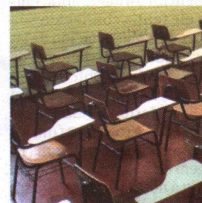
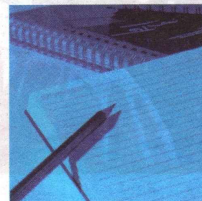
Nome:
Kleber Farias Pinto
Idade:
70 anos
Origem:
Sergipe
Profissão:
Engenheiro
Estado Civil:
Casado
Esposa:
Ana Maria Castellar de
Negreiros Sayão Lobato
e Farias Pinto
Filhos:
Kleber Junior e Andréa
Netos:
Cláudia (21 anos) e
Rodrigo (14 anos)
**Ano de chegada a
Brasília:**
janeiro de 1959
Títulos:
Chanceler da Ordem do
Mérito da Engenharia e
cônsul honorário do
Senegal.



HOJE O ÚNICO TRABALHO QUE O DIEGO FAZ PARA AJUDAR SUA FAMÍLIA É O DEVER DE CASA.

RENDA MINHA.

BOLSA MENSAL DE
R\$ 45,00 POR CRIANÇA
DE 6 A 15 ANOS
MATRICULADA NO
ENSINO FUNDAMENTAL.



Para ajudar a família, O Diego fazia bico nas ruas. Passava o dia vendendo doce nos sinais e à noite vigiava carros. Uma rotina que só mudou graças ao **Renda Minha**. Programa que oferece bolsa mensal de R\$ 45,00 para cada criança que preencha todos os requisitos. O aluno ainda recebe material escolar, aulas de reforço, uniforme completo,

atendimento médico, odontológico, oftalmológico e avaliação nutricional. Hoje, o Diego largou o trabalho nas ruas e se dedica apenas aos trabalhos da escola. Assim como ele, outras 85 mil crianças fizeram o mesmo e já estão sendo recompensadas com a perspectiva de um futuro melhor e até o final de 2003 serão 100 mil.

